

**DE COMO FAZER “SUCO” DE UM GEÓGRAFO CONCLUINTE  
UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO PARA A  
MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO**

*Ana Madruga*

(Profa. Ms. do Dpto. de Geociências da UFPB)

Resumo: Nesse trabalho procuramos fazer uma avaliação crítica da formação disponível aos alunos do curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba, na tentativa de contribuir para uma reflexão, que seja construtiva enquanto propositora de um roteiro para a prática dos discentes na hora de elaborar os seus Projetos de Pesquisa para a Monografia de final do curso (ou Trabalho de Graduação).

Nossas conjecturas apresentadas nesse texto têm dois objetivos, um é o de tornar público o que muitos sabem, mas se sentem impotentes ou sem poder de gestão para consertar, o encaminhamento que resulta na qualidade da formação de nossos alunos de Geografia na Universidade Federal da Paraíba, Campus I; o outro é, o de aproveitar o espaço para, além da crítica, tentar contribuir para uma reflexão e para a prática dos discentes na hora de elaborar os seus Projetos de Pesquisa para a Monografia de final do curso (ou Trabalho de Graduação).

Para a investigação que tornou possível essas considerações, nos aproximamos dos alunos através dos colóquios da disciplina Iniciação a Pesquisa Geográfica, que *a priori* contempla os que estão cursando o 7º semestre, dos 10 semestres necessários à conclusão do Bacharelado e da Licenciatura.

Devido a uma questão de ordem, a estrutura acadêmica, com um fluxograma a cumprir e a liberdade de cátedra dos ministrantes, além das múltiplas especialidades das disciplinas, afora o conteúdo e a forma didática que as compõem, é muito comum encontrarmos alunos já com três ou mais anos de curso, sem idéia nem motivação para nenhum tema que possa lhe servir de objeto de investigação. Daí começa a perda de tempo institucional. Institucional, porque o mesmo está ocupando um tempo e um espaço reservado para a elaboração e o desenvolvimento da sua criatividade e da sua formação profissional na Universidade, cuja nomenclatura já remete a uma ação existente na mesma, que é a liberdade do intelecto para o desenvolvimento da sua capacidade criativa, cujo destino é o de manter a evolução da ciência através da pesquisa orientada que só se efetiva, com uma obstinação de cunho investigativo cujo

objetivo universal é o de acrescentar conhecimentos aos já existentes, e ampliá-los, para a manutenção e ampliação da produção acadêmica.

Quando o aluno se matricula numa disciplina para aprender a fazer um projeto com um mínimo de racionalidade científica, ele já tem passado pela maioria dos temas específicos de seu currículo, tendo conseguido aprovação. E daí, seríamos todos responsáveis pelas falhas existentes na sua formação? Sim e não.

Sim, porque a maioria dos “feras”, quando cursam o seu primeiro período sentem um misto de satisfação e ao mesmo tempo um certo desencanto com a realidade encontrada. Não só na sala de aula quando é obrigado a seguir um ritual pré-estabelecido que nem sempre é compatível com as suas expectativas, que são contextualizadas na nossa sociedade pela sua condição de um privilegiado, num país de analfabetos, que se esgueiram pelas frestas da vida em busca de um direito chamado de cidadania.

E não, porque ainda não conseguimos construir uma Universidade de Terceiro Mundo, onde todos os docentes tenham uma cumplicidade acadêmica (diferente de um corporativismo), um compromisso de cientificidade não só com o conteúdo obrigatório das ementas e dos programas das disciplinas. Recebemos uma incumbência eivada pela soberania em sala de aula, como se estivéssemos a salvo de possíveis omissões, e se mesmo assim salvássemos a existência do conteúdo que deveria existir em todas as disciplinas, não estaria a salvo a preocupação com o método enquanto Filosofia, que é a mola mestra do saber e da posição que uma Universidade pode ocupar numa sociedade.

Ao afirmar que todos os homens têm por natureza o desejo de conhecer, Aristóteles define na sua obra *Metafísica*:

“(...) a filosofia não é uma ciência prática, mas teórica, mostra-se pela história dos mais antigos filósofos. Com efeito, outrora como hoje, foi e é pelo espanto (to thaumázein)<sup>5</sup> que os homens chegaram, e chegam, ao filosofar (...) Aperceber-se de uma dificuldade e espantar-se é reconhecer sua própria ignorância e, por isso, amar os mitos (philómithos) é, de certa maneira, mostrar-se filósofo (philósophos), pois o mito está repleto do espantoso. Foi para escapar à ignorância que os primeiros filósofos entregavam-se à filosofia, buscavam a ciência para conhecer e não para usá-la” (ARISTÓTELES, apud CHAUI, 1994).

Não nos propomos aqui, tratar das reclamações, dos lamentos, ou mesmo da euforia de alguns discentes, mas da importância que temos em suas vidas futuras como

<sup>5</sup> Tò thaumazein é o espanto feito de admiração. Admirar é mirar, olhar para contemplar. Contemplação, em grego, se diz *theoría*, do verbo *theoréo*, que significa observar, examinar, contemplar e cujo correspondente, em latim, é o verbo *specio*, de onde vem a palavra *especulativo*. (explicação dada pela autora M. Chauí, p. 231).

geógrafos e do compromisso com o seu papel profissional na sociedade, e o seu respeito à cidadania de todos.

Mesmo sabendo que existem discussões sobre a dicotomia da transmissão do saber sistematizado e a consciência política, adotamos uma postura de que, o ensino precisa ser praticado sob o viés da crítica, e para isso não se faz necessário haver uma perda do conteúdo curricular obrigatório pelas instituições.

“(...) uma teoria das relações entre culturas, suas tensões e lutas por hegemonia, constitui uma base muito mais potente para uma análise do conhecimento e para a formação de uma teoria emancipatória do currículo, que a crença na existência de um objetivo e abstrato “saber sistematizado”, a ser transmitido as classes subalternas como instrumento de sua libertação. Uma teoria verdadeiramente emancipatória do currículo não pode deixar de ver o próprio campo de produção e distribuição do conhecimento como campo de luta e de busca de hegemonia”.(SILVA, 1986 apud MOREIRA, 1990: p.176).

Voltando aos nossos objetivos iniciais, colocamos inicialmente a necessidade de extrapolar nossa vontade de consertar um problema que nos chega às mãos, como um efeito em cascata, resultado dos anos em que a educação no país tornou-se um problema só para aqueles que usam uma lente de alcance para o futuro. E esse futuro na Geografia, levando em conta a sua epistemologia, já chegou há pelo menos uns 30 anos, e nós como “Quixotes” ficamos no campo, à espera que a realidade ameaçadora se desvaneça. E aqui trazemos um ponto crítico dos nossos currículos.

Das poucas experiências de mudança de currículo no nosso curso, captamos o pensamento baseado mais em experiências já concretizadas noutras Universidades, do que um aprofundamento de questões didático-pedagógicas na área das especialidades da Ciência da Educação. Quando buscamos estas especialidades, é que podemos captar com maior sutileza a presença do denominado “fenômeno da transferência educacional”.

“(...) as especificidades das atividades culturais brasileiras desempenharam papel de relevo no desenvolvimento do campo do currículo e na seleção e adaptação de teorias e modelos estrangeiros” (MOREIRA, 1990: p.203).

Na prática do nosso conteúdo específico que é a Geografia, o que conseguimos só foi vitorioso para quem assumiu suas posturas metodológicas, ainda que algumas delas defasadas no tempo e no espaço, desde a Geopolítica até os estudos sobre as relações sociedade-natureza. Isso, quando contamos ainda com ecléticas metodologias, que se tornam mais um desserviço à ciência do que uma contribuição.

Mas, do que mais devemos falar no contexto dessa abordagem, se nos propomos a usar uma linguagem mais coloquial que atinja o estágio de compreensão do discente? Falemos de uma prática tão antiga na ciência quanto o positivismo na sociedade, enquanto ideologia a serviço da sociedade burguesa. Na realidade dos discursos que não ousam mudar suas referências teórico-metodológicas, por convicção. O resultado dessa prática oscila na formação acadêmica, porque o que se coloca não é uma questão do ser ou não ser dessa ou daquela ideologia, mas sim do momento do discernimento sobre o que fazer, como fazer com tanta informação e com as práticas nem sempre associadas aos seus desdobramentos teóricos. Como chegar a uma síntese se não se tem nem tese? (ou o contrário).

Para tentarmos concluir esse primeiro objetivo, nossa proposta é a de um aprofundamento no campo não só das técnicas, mas das formas de interpretação dos resultados, uma vez que trabalhamos uma ciência humana, cheia de interdisciplinaridades, mas também muito competente no seu alcance e acompanhamento dos métodos surgidos noutras disciplinas pelas imposições das transformações da sociedade e do livre arbítrio do pensar.

Ao consideramos o pensamento acima exposto, não esquecemos como deve ser um pouco mais difícil aos docentes acomodados, ou por que não dizer menos criativos e honestos com o seu público, razão da existência do seu trabalho, se dar ao trabalho de pensar como evoluiu a Filosofia, a ciência, uma vez que pensar como evoluiu a Geografia, é uma omissão talvez menos grave para os seus pares, porque mais fácil de ocultar, do que para os seus orientandos, cujo viço mental tem sede de conhecimento, e sua capacidade crítica está vibrante e alerta com o discurso dos mestres que já têm muitos anos de experiência, muitas horas de estudo, pesquisas e trabalhos de campo.

Aceitas essas premissas como verossímeis e relativas a espaços do conhecimento reais, podemos tentar aproveitar o ensejo, e, além do que possa ser considerado um pensamento crítico, propor uma das possíveis soluções, para aqueles que enxergarem alguma coerência no que foi dito até aqui.

Quando um aluno se matricula numa disciplina que se propõe a dar as diretrizes para a elaboração de um pensamento estratégico para o futuro, isto é, o seu Projeto, mais que uma etapa de uma disciplina, pode significar o início de uma vida profissional com um grau universitário ou de um possível curso de Pós-Graduação, tão valorizado na carreira profissional, quanto distante pode ser o seu tema de investigação para a realidade vivida e necessária para a ciência.

Mesmo que os “feras” tenham em uma de suas primeiras disciplinas cursadas, o conteúdo da Evolução do Pensamento Geográfico, parece bem normal que ao término do Curso, a não insistência em alguns temas de caráter metodológico, não façam mais parte do universo de seus discursos, uma vez que esses mesmos discursos, raras vezes passaram por uma prática de memorização que lhe fosse treinando um discurso geográfico com um método definido. Os fichamentos exigidos, na maioria dos casos tornam-se meras compilações de textos dos autores lidos. E a preocupação com o caráter do método de interpretação nos seus discursos, embora existam nos textos, não são exercitados com definição, com coerência na verdade, estão presentes mas não são reconhecidos. Daí a idéia de que o método dentre os outros itens do projeto é o canal mais difícil de ser sintonizado nas idéias, e por conseguinte nos textos.

É possível que a ausência da definição do objeto de estudo da Geografia por longa data, por certo até hoje para muitos, tenha uma participação nessa insegurança. Mas ao mesmo tempo, quem se debruça com afinco nas produções geográficas do Brasil e do mundo não deixa de perceber, que a constatação acima não congelou no tempo a Geografia, nem a desconectou do mundo onde reina o império das comunicações. Se houve uma fragmentação do saber oriunda da revolução industrial, por outro lado, já chegou o momento da tentativa de unidade do saber, a despeito de uma pós-modernidade, que em territórios de formação dependente, cai muitas vezes de pára-quedas, quando ignora o contexto da base em que está pousando. Com isso não queremos negar categorias universais, apenas alertar, parafraseando o professor Armando Corrêa, que o espaço “da ação” está fora do lugar.

Mas para não correremos o risco de entabular um discurso mais para os pares de profissão, voltemos ao título do trabalho, que insinua a fórmula pouco ética de fazer um “suco” com um acadêmico em Geografia.

Como faremos para reintegrar a preocupação do momento do Projeto, com todo o referencial teórico-metodológico anteriormente planejado para ser mostrado?

Em primeiro lugar, retornamos as aulas expositivas sobre a importância de um projeto de investigação, e depois tentamos rever os métodos mais utilizados pela Geografia, para dar a sua interpretação aos dados coletados e as técnicas usuais de pesquisa, de acordo com as temáticas escolhidas. Quando essas ainda não existem, é quase certo um semestre ocupado na busca de um tema e não a produção do Projeto.(afinal temos quatro meses de aula a cada semestre).

Em segundo lugar, após visto a metade do conteúdo programático em sala de aula, passamos a fazer uma orientação individual, com pesquisas sobre o tema e seus referenciais teóricos, a metodologia optada, para que o discurso coloquial do discente não se vulgarize textualmente, ou mesmo assuma um caráter jornalístico ou muito pessoal, inadequado a um trabalho acadêmico.

M. Lapierre, em sua preocupação com o lugar que a filosofia ocupa nas ciências humanas, diz em forma de denúncia que é:

“(…) uma pretensão comum às ciências humanas, acreditarem assegurar o seu estatuto científico rompendo toda ligação com o que elas chamam de Filosofia. E de fato, não há necessidade de tal referência para descrever cuias ou sistemas de parentesco. \mas trata-se de outra coisa, e é de temer que, sob o nome de Filosofia, seja simplesmente o próprio pensamento que procuramos fazer sair” (LAPIERRE, 1968 apud CLASTRES, 1969).

Diz Clastres (1969) que se faz necessário saber reconhecer no que vai resultar essa vocação antipensamento:

“(…) sob a capa da ciência, das banalidades epigonais ou de empreendimentos menos ingênuos, ela leva diretamente ao obscurantismo. Ruminação triste que afasta de todo saber e de toda alegria: se é menos fatigante descer que subir, o pensamento no entanto não pensa lealmente senão através de obstáculos?

E é pensando nos obstáculos para escrever um projeto, que após as aulas teóricas, tendo consciência das dificuldades individuais parte-se para uma Proposta de Estrutura de Projeto que segue como um apêndice nesse texto.

Para concluir, esclarecemos que o “sucor” a que nos referimos numa linguagem figurada, significa não que o discente passe por uma metamorfose crítico-ideológica só no final do Curso, mas que os métodos a ele impostos, o coloca entre paredes que se aproximam do mesmo como um espremedor do seu intelecto.

## APÊNDICE

### PROPOSTA DE ESTRUTURA PARA UM PROJETO DE PESQUISA

#### TÍTULO:

1. Título Geral (denomina o tema do Trabalho, que pode ser subjetivo quanto ao objeto da pesquisa)
2. Título Técnico (subtítulo; a temática mais explicada, ou discriminada)

INTRODUÇÃO (Local onde se mostra o que já se sabe sobre o que pretende investigar, e se escreve sobre o Tema)

Quando não for possível a definição do título: faz-se a caracterização do assunto que se vai pesquisar, intitulado de TEMA – e o seu conteúdo é a temática a ser investigada.

Aqui pode ser feita uma apresentação com a gênese do problema, como se chegou a escolhê-lo, e até falar de abordagens anteriores.

No Tema já pode-se ir trabalhando com o referencial teórico, que é composto pelos conceitos, princípios, e categorias utilizadas, pois criar um capítulo só para isso demanda um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto, se não existe segurança para isso, melhor que apareça inserido na Introdução.

### OBJETIVOS

-Objetivos que o trabalho visa atingir (sempre pensando na ciência e na sociedade), relacionados, com o que motivou o autor a investigar o tema).

-O Objetivo pode ser resumido em apenas uma expressão e pode ser subdividido em Objetivos Gerais e Específicos (esse traz mais detalhes sobre o que se pretende desenvolver).

### JUSTIFICATIVA

Está baseada na relevância social e científica da pesquisa proposta. Por exemplo, se a temática contemplar a Geomorfologia como especificidade do trabalho a ser desenvolvido, a contribuição para a Ciência, se dará para os estudos da Geografia dentro das especialidades da Geografia Física.

### Formulação das HIPÓTESES

-idéia geral que o trabalho propõe demonstrar;

-a monografia, ou dissertação será a forma lógica de demonstrar uma Tese proposta hipoteticamente, para propor soluções, ou diagnosticar um problema;

-a Hipótese leva em conta o referencial teórico em que se fundamenta o raciocínio;

-não se deve colocar a hipótese num tempo de verbo que afirme um pensamento. Deve pairar a dúvida, para que possa ser demonstrada, ou não, através da pesquisa.

(REFERENCIAL TEÓRICO) OU QUADRO TEÓRICO – Só se deve criar um tópico dessa natureza no trabalho se já houver muitas referências sobre o mesmo, o que de uma maneira geral não ocorre com Monografias de Graduação, é mais exigido nos Projetos para os cursos de Pós-Graduação.

### METODOLOGIA (ou Procedimentos Metodológicos)

- Segundo Moraes e Costa (1993) a Metodologia contempla dois procedimentos:
  - - um procedimento fundamentado numa base filosófica, que podemos intitular de Método de Interpretação
  - o Método de Pesquisa, que são os procedimentos técnicos através dos quais, se consegue as informações, os dados, cujos resultados serão interpretados através de um ponto de vista, uma ideologia ou uma filosofia. Ex: Trabalho de Campo; Leitura de cartas ou de imagens de satélite; coleta de dados quantitativos, pesquisa bibliográfica, e outros.

### CRONOGRAMA

-distribuição das atividades da pesquisa de acordo com um calendário (nem sempre seguido à risca)

### REFERÊNCIAS

- a Bibliografia do projeto não é tão completa como a da Monografia
- pode ser intitulada ainda Bibliografia Consultada

Observações: no projeto o pesquisador deve ter claro o caminho a ser percorrido, as etapas a serem vencidas, os instrumentos e as estratégias a serem utilizadas.

Nem sempre é necessário escrever um capítulo para explicar o quadro teórico, o importante é basear-se no quadro teórico de maneira coerente.

(Procurar ir seguindo as normas da ABNT)

-Se o aluno já tem um orientador para a futura pesquisa geográfica, ao final do projeto, junto com o mesmo, ou não, (pode elaborar seu Plano de Redação).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHAUÍ, Marilena de Souza. Introdução à História da Filosofia – dos Pré Socráticos à Aristóteles. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado. Pesquisas de antropologia política. 3.ed. São Paulo. Francisco Alves, 1986

DEMO, Pedro. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas, 2000

LACOSTE, Y. A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a guerra. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

MORAES, A. C. R de e COSTA, W.M. da. A Valorização do Espaço. 3.ed. São Paulo: Hucitec.

MOREIRA, Antonio Flávio B. Currículos e Programas no Brasil. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1990 (Col. Magistério Formação e Trabalho Acadêmico)

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 21<sup>a</sup>. Ed. Ver. e Amp. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, A C da. De quem é o pedaço. São Paulo: Hucitec, 1986.